

CIÊNCIA & SAÚDE

AMBIENTE

# Sinergia letal

A exploração predatória da madeira amazônica, aliada à pecuária de baixo rendimento, tornou-se a grande ameaça para a floresta tropical



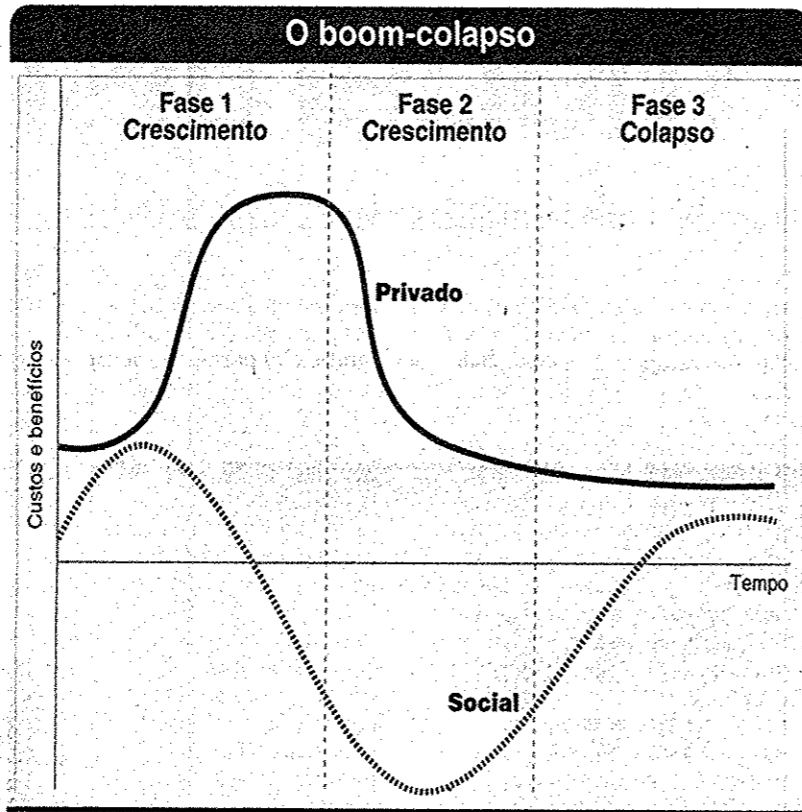
Queimada na região de Boa Vista: um dos motivos de enfraquecimento do ecossistema trazidos pelo uso da floresta para extração de madeira, pecuária ou agricultura

EDUARDO GERAQUE de Belém

A vida ou a morte da Amazônia, a floresta que abriga a maior biodiversidade do mundo, depende da interação ou não de, pelo menos, algumas dezenas de fatores. Entre as pressões negativas que a floresta sofre, a exploração da madeira, que vem sendo feita em maior escala como atividade complementar à agricultura, é a grande vilã. E este fator, aliado a pecuária, vai provocar uma sinergia letal para a floresta tropical brasileira no futuro próximo. O gado e a retirada predatória de madeira da floresta amazônica podem destruir o ecossistema, a menos que estratégias em prol da preservação da biodiversidade sejam traçadas rapidamente.

"A soja não é o grande problema da Amazônia", diz Paulo Barreto, diretor e pesquisador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), uma das organizações não-governamentais mais atuantes na região. "Em áreas secas, a soja até pode conquistar um bom espaço, mas nas regiões mais úmidas ela não irá muito longe", afirma o cientista. Segundo Barreto, a Amazônia é muito grande para a soja. "Se for ocupada uma porção um pouco maior do que a existente hoje, a produção vai dobrar. Não haveria mercado para tanta soja", diz Barreto.

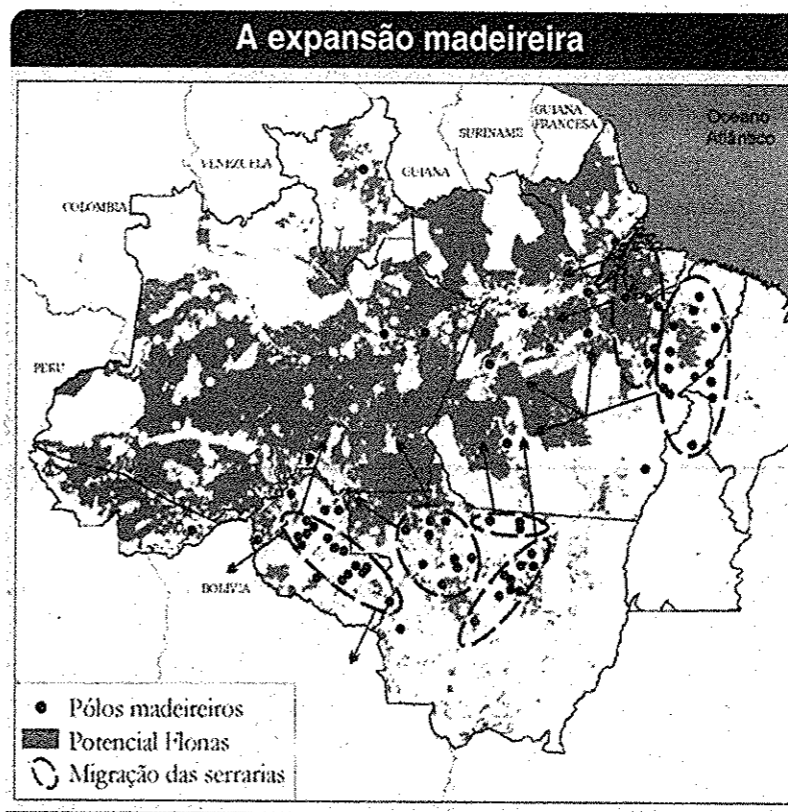
A expansão das fronteiras agrícolas, que já destruiu boa parte do cerrado brasileiro — o segundo ecossistema mais destruído do país, atrás apenas da mata atlântica —, carrega problemas muitos mais graves que apenas o desmatamento. O pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas, Philip Fearnside, que no ano passado publicou um trabalho científico sobre o tema, acredita que a soja é a nova ameaça para a biodiversidade. A cultura em si talvez não traga tantos prejuízos, mas seu "efeito arrasto" é problemático, diz o cientista. Paralelamente à nova cultura, é preciso construir hidrovias e portos para que a produção, seja escoada.



Fonte: Imazon/Banco Mundial

A estratégia econômica é que precisa ser alterada na região amazônica, diz Barreto, do Imazon. O pesquisador, que acabou de concluir um relatório sobre os limites e as oportunidades para o desenvolvimento rural na Amazônia, com mais quatro autores — Robert Schneider, Eugênio Arima, Adalberto Veríssimo e Carlos Souza Junior — e em parceria com o Banco Mundial, aponta a necessidade de romper a sinergia da pecuária com a extração descontrolada de madeira. "A pecuária sozinha é inviável", diz Barreto. Em compensação, explica o pesquisador, o gado não sofre tanto com o regime de chuvas da Amazônia, como ocorre com a agricultura, porque se pode caminhar com ele além das áreas mais inundadas. Mesmo com um baixo rendimento e sem muito investimento em infra-estrutura, a pecuária é uma atividade que se amplia no norte do Brasil, sempre em áreas que já foram desmatadas pelos madeireiros.

O binômio exploração da madeira e pecuária provoca ainda o grande dilema socioeconômico das comunidades amazônicas, como mostra o recente relatório do Imazon em parceria com o Banco Mundial. Fugir ou não do ciclo "boom-colapso"? Eis a delicada questão. O futuro econômico de um município hipotético da Amazônia úmida, que tenha como atividades principais a extração predatória de madeira, além da pecuária, poderá seguir dois caminhos distintos, segundo o grupo de cientistas. O modelo apresentado pela organização não-governamental sediada em Belém toma como base um município hipotético com uma floresta densa de 1 milhão de hectares. Nos primeiros anos, os madeireiros migrantes chegam com uma grande vontade de produzir e fazer uso dos novos estoques de madeira. Com matéria-prima abundante, os oito primeiros anos apresentam um grande, e ao mesmo tempo oco, crescimento



Fonte: Imazon/Banco Mundial

e econômico. A renda bruta das duas atividades, no período, pode chegar aos US\$ 100 milhões. Com a extinção das árvores de alto valor, como o mogno e outras madeiras de lei, o rendimento das empresas que atuam na área começa a desmoronar depois de oito anos. Daí a 15 anos, o rendimento do município hipotético com a madeira e a pecuária, segundo o cálculo do Imazon, não chegará aos US\$ 5 milhões. O mesmo fenômeno ocorre com os empregos oferecidos na região. Eles podem cair dos 4,5 mil, no início do ciclo, para menos de 500 quando apenas a pecuária continuar na região, já depois do fim do estoque madeireiro, no 23º ano. Quando o recurso natural chega ao fim, o colapso já é algo inevitável.

Como uma alternativa à comunidade hipotética da Amazônia, os cientistas do Imazon acreditam que o manejo florestal, em vez da exploração predatória, seria uma forma mais sólida de desenvolvimento. Se esta

alternativa for a escolhida pela comunidade local, os ganhos serão menores, mas durarão mais que 20 e poucos anos. No caso do manejo florestal, a renda bruta poderia atingir, em vez dos US\$ 100 milhões, os US\$ 70 milhões. Mas essa renda não iria despencar após os oito primeiros anos, como deve ocorrer no modelo não sustentável. Com a continuação da renovação dos estoques de madeira, a renda bruta alcançada pela comunidade poderia ser repetida sempre, desde que os princípios do modelo não fossem alterados.

O relatório cita vários exemplos de antigos pólos madeireiros importantes da Amazônia que já começaram a entrar na fase de colapso. Os cientistas estimam que as madeiras instaladas nas regiões de Paragominas (Pará), Sinop (Mato Grosso) e Vilhena—Ji-Paraná—Arquimedes (Rondônia) vão fechar ou migrar nos próximos cinco anos. "Ainda há muita madeira nas chamadas novas

fronteiras, como Novo Progresso, Mato Grosso, Santarém e no estuário do rio Amazonas", explica o diretor do Imazon. Em termos de migração dos madeireiros, os que estavam em Rondônia estão se dirigindo agora para a Bolívia e o Amazonas. E os da velha fronteira procuram para o oeste do Pará e sudeste do Amazonas.

Segundo dados do Imazon, a Amazônia produz aproximadamente 90% da madeira nativa no Brasil. Em 1998, o rendimento bruto do setor, que emprega 500 mil empregos diretos e indiretos, chegou aos US\$ 2,5 bilhões. A utilização constante e sem controle dos estoques de madeira na Amazônia não causa apenas o óbvio desmatamento e a perda, incalculável, da biodiversidade tropical. O uso da floresta para extração de madeiras nobres, pecuária ou para a agricultura, que tem um péssimo rendimento no úmido solo amazônico, também enfraquece bastante o ecossistema por causa das queimadas.

As árvores amazônicas, ao contrário das do cerrado, por exemplo, não apresentam adaptações para o fogo. No passado, quando ele ocorria de forma natural, era algo bastante esporádico. O problema das queimadas na Amazônia hoje não é o fogo em si, mas a quantidade de tempo que ele fica sobre a mesma fatia da floresta. A destruição é lenta e, por isso, vai durar muitos e muitos anos. Entre outras alterações, o fogo altera a temperatura dentro da floresta que, normalmente, é inferior aos 30 graus Celsius.

Como as queimadas destroem parte das árvores, o alto do bosque diminui e a quantidade de calor que penetra até o sub-bosque aumenta de forma considerável. Faz parte da consciência sustentável, no caso do ambiente amazônico, diminuir a ocorrência de fenômenos como as queimadas, para que a floresta tenha uma "expectativa de vida" maior. O explorador costuma creditar à falta de infra-estrutura o insucesso de sua atividade na selva. Mas, por uma questão de sobrevivência sua e da floresta, seria mais fácil respeitar o zoneamento de atividades que as forças naturais lhe impõem.